



Em **S**ociedade

Lazer juvenil e consumo de drogas na cultura do skate

Heloisa Heringer Freitas¹

Gelsimar José Machado²

Liana Abrão Romera³

¹ Graduada em Educação Física e mestranda do programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal, Telefone: (27) 981162320. Endereço: Rua Jahira Santos Rodrigues, 114, Jardim da Penha, Vitória, ES. E-mail: heloheringer@gmail.com

² Graduado em Educação Física e doutorando do programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal, Telefone: (27) 999020751. Endereço: Rua Tércio Correa dos Santos, 185, Centro, Santa Maria de Jetibá, ES. E-mail: geljm@hotmail.com

³ Graduada em Pedagogia e Educação Física, Mestrado e Doutorado pela Universidade Estadual de Campinas e Pós-doutorado pela Universidad de Deusto Bilbao, Espanha. Telefone: (27) 99953-5334. Endereço: Rua Espírito Santo, 60, apto 132 – Higienópolis, Catanduva, SP. E-mail: liromera@uol.com.br



RESUMO

Este artigo procurou conhecer práticas corporais desenvolvidas no litoral capixaba, elegendo o skate como modalidade de lazer ligada às manifestações juvenis, e se dedicou a aprofundar as discussões acerca dos modos de consumo juvenis. O lazer compõe parte importante da vida das juventudes e representa espaços-tempos significativo para a formação da identidade e socialização, porém podem se tornar oportunidades de ingresso em comportamentos de risco., Assim apresenta-se paradoxalmente: pode contribuir para o desenvolvimento e socialização e corrobora para fortalecer estigmas de alguns grupos. Igualmente, a cultura das drogas pode ser compreendida como forma social de articulação de atitudes, agregando particularidades na linguagem e no comportamento individual e em grupo. Neste estudo, a prática do skate é vista como estilo de vida e formação de identidade. Objetivou-se conhecer percepções de skatistas sobre sua prática, possíveis relações com o uso de drogas na modalidade e discutir sobre os modos de consumo desta juventude. Trata-se de uma pesquisa exploratória de campo, qualitativa, de observação não participante, com utilização de diários de campo e entrevistas semiestruturadas com grupo de skatistas. Detectou-se consumo de drogas lícitas e ilícitas, maior consumo de álcool em comparação à outras drogas. No entanto, o consumo de bebidas alcoólicas representa efeitos negativo para a prática de manobras. O consumo de maconha exerceu papel socializante, em contradição a outros grupos juvenis que atribuem às bebidas alcoólicas esta função. A partir destes resultados preliminares, entendemos que a juventude não representa um grupo homogêneo, do mesmo modo é distinto o consumo de drogas entre esta população, portanto, diversificado e heterogêneo.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer. Juventude. Drogas.

ABSTRACT

This article aimed to know the physical activities practiced in the coast of the state of Espírito Santo and placed great emphasis on deepening the discussions about the juvenile consumption modes. We chose the skateboarding as a leisure activity related to youth people. Leisure is important part of youth people's life and a spaces-time for the identity formation and socialization, but it also can be opportunities to engage in risky behaviors. Thus, Leisure presents itself a paradoxically: it can improve development and socialization and also emphasizes the stigmas of some groups. Likewise, drug culture can be understood as a social form of attitudes articulation, adds particularities in language and individual and group behavior. In this study, skateboarding is seen as lifestyle and identity formation. The aim was to know the skater's perception about their practice, possible relations with drugs use in and discuss about the consumption way of this youth group. The study was an exploratory field survey, qualitative, non-participant observation and has used field diary and semi-structured interviews. There was consumption evidence of licit and illicit drugs, higher alcohol consumption compared to other drugs. However, the alcoholic beverages consumption represents negative effects for skateboarding. Marijuana consumption has played a socializing role, in contradiction to other youth groups that attribute this function to alcoholic beverages. Youth does not represent a homogeneous group, so drug consumption among this population is diversified and heterogeneous.

Key words: Leisure; Youth; Drugs



INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as pesquisas sociológicas que se dedicam a estudar as manifestações de consumo de drogas juvenil, de forma cada vez mais crescente, têm proposto olhares partindo de observações das dinâmicas de lazer juvenil. Saídas nos fins de semana para encontrar amigos e o uso de substâncias psicoativas tem sido investigados a partir de uma ligação estreita com o cenário do lazer (Calafat *et al.*, 2007; Gómez, 2004; Brain e Measham, 2005). É nítido, ainda que muitos dos usos de substâncias seja moralmente reprovado, visto como forma de desvio e até calamidade social (embora o consumo de bebidas alcóolicas seja menos estigmatizado que os demais), que um aspecto frequentemente notado é que a droga, lícita ou ilícita, constitui-se como um elemento presente nas culturas juvenis⁴ contemporâneas, tanto pelo aumento do número de usuários, quanto pela redução da idade do primeiro consumo.

À medida que os estudos sobre o lazer e sua relação com o consumo recreativo⁵ de drogas são aprofundadas, vem-se analisando também a ligação direta do fenômeno “divertimento” aos problemas de saúde pública, como abuso de bebidas alcóolicas e outras drogas, etc. (Calafat *et al.*, 2007, p. 12). No ano de 2012, a Organização Mundial da Saúde (OMS) constatou que o número de jovens que consomem drogas lícitas e ilícitas de forma recreacional ascendeu e, de forma adjacente, aumentaram também os problemas associados a

⁴ “Culturas Juvenis” referem-se à maneira com que as experiências sociais dos jovens são expressas coletivamente através da construção de diferentes estilos de vida, principalmente nos momentos de lazer ou em espaços intersticiais da vida institucional (tradução nossa).

⁵O uso de drogas lícitas ou ilícitas de maneira eventual, esporádica.



essas substâncias, como intoxicação grave por abuso de álcool, além dos acidentes e violências urbanas e domésticas.

A juventude, segundo Abramo (1997), caracteriza-se como um momento de dramática socialização, no qual os jovens intensificam sua integração social, tornando-os membros mais ativos. Entretanto, Romera (2008) destaca que a juventude é tomada por dois olhares antagônicos: a) compreendida a partir de um olhar romantizado, que entende essa fase “como a época de total alegria e despreocupação relativa às obrigações da vida adulta, marcada por festas, encontros, passeios e namoros” (2008, p.30) e b) a partir de uma compreensão estigmatizante, que entende a juventude como uma fase de “envolvimento em brigas, drogas, violência, vandalismos, atos irresponsáveis e desrespeitosos”.

Esta ambivalência, sobretudo referente ao olhar estigmatizante sobre o jovem, suscita um distanciamento na compreensão das manifestações tão intrínsecas as juventudes. Os modos de consumo da juventude, seus lazeres, a busca pelo êxtase e sensações exacerbadas e as expectativas para o futuro são parte da categoria do “ser jovem” (Le Breton, 2009). Os momentos de socialização, divertimento e os modos de consumo, especialmente nos fins de semana, compreendem aspectos significativo para melhor entender as motivações para o uso de drogas por um viés menos estigmatizante.

A partir disso, esta pesquisa objetivou conhecer práticas corporais desenvolvidas no litoral do Estado do Espírito Santo, elegendo o skate como modalidade de lazer ligada às manifestações juvenis, e se dedicou a aprofundar as discussões acerca dos modos de consumo juvenis. O objetivo foi conhecer as percepções de skatistas sobre sua prática, as possíveis relações com o consumo de substâncias psicoativas na modalidade e discutir sobre os modos de consumo desta juventude.

O litoral espírito-santense é constituído por grande número de praias que comporta uma diversidade de modalidades de lazer em sua orla, entre elas estão práticas corporais como surfe, skate, slackline, futebol e vôlei de areia, beach soccer e beach tennis. O skate se constitui como uma modalidade representativa da juventude e atrai número significativo de adeptos na orla capixaba, fatos que geram subsídios para objeto de investigação.



METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa exploratória de campo, qualitativa, almejando a interpretação dos sujeitos e situações encontradas no campo de maneira ampla e detalhada, no intuito de obter melhor compreensão das pessoas pesquisadas, espaço e demais características atreladas à pesquisa (Triviños, 1987). A técnica adotada foi a observação não participante. Para Marconi e Lakatos (2007), além de observar os dados do campo de pesquisa, a observação participante busca examinar os fatos ou fenômenos.

A inserção ao grupo aconteceu ao longo de 6 meses e as observações foram registradas em diário de campo, após este período, entrevistas semiestruturadas foram realizadas com os praticantes de skate que se dispuseram a participar da pesquisa de maneira espontânea após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A técnica para a coleta de dados foi a entrevistas semiestruturadas que possibilitam que o sujeito entrevistado discorra livremente sobre o tema abordado, assegurando ao entrevistador informações essenciais (Marconi; Lakatos, 2007). Ao todo foram dezenove entrevistas individuais desenvolvidas com praticantes de skate de ambos os sexos, com idade entre 18 e 30 anos. Para este trabalho, optou-se por um recorte da análise de 3 sujeitos foram destacados para compor os dados aqui apresentados, como apresentado na tabela 1.

Tabela 1. Entrevistados

Entrevistado nº	Idade	Sexo
Entrevistado 1	21	Masculino
Entrevistado 2	30	Feminino
Entrevistado 3	30	Masculino

Fonte: Diário de Campo

A utilização do diário de campo se fez importante nesta pesquisa por possibilitar a observação de aspectos, linguagens e dinâmicas tanto na cadeia de relações entre os membros grupo e dos próprios indivíduos, como também trazer à tona os questionamentos sobre os diversos usos de drogas desta parcela juvenil, que confluíram como elementos fundamentais



para a construção do roteiro de entrevistas.

No processo de entrevistas, partindo dos relatos no diário de campo, organizamos o roteiro em dois blocos que compreendiam questões acerca da 1) iniciação dos entrevistados à prática do skate, do que percebiam como mais atrativo na prática, como é grupo que participavam, para posteriormente 2) abordar sobre o consumo de drogas lícitas e ilícitas, propondo conversas acerca da relação dos usos com a prática do skate e as sensações que este uso proporcionava.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde o surgimento do skate no Brasil no período da ditadura militar, sua prática tem sido atrelada a comportamentos rebeldes. Esta constatação foi atribuída a partir da busca por liberdade presente na juventude que marcou a segunda metade do século XX, ampliando sua presença no cenário social com um estilo de vida até então pouco manifestado (Brandão, 2011).

A medida em que a juventude ganha seu espaço na sociedade, principalmente pelos movimentos de contracultura nos anos 1960, os ambientes de lazer vão se diferenciando daqueles frequentado pelo público adulto. As mudanças sociais nas últimas décadas (o atraso na idade de ingresso no mercado de trabalho e o alargamento da escolarização), dentre outros motivos, estenderam o período da juventude e postergaram o ingresso nas instituições que normalmente marcam o início da vida adulta (Gómez, 2004). Concomitantemente, há um avanço no mercado das atividades de lazer noturna nas cidades, com a abertura de espaços para o consumo de bebidas e boates. Calafat *et al.* (2007) sugerem que o elemento central da procura dos jovens por sensações e sentidos é a diversão. Esse elemento tem sido vinculado à indústria recreativa e visto como alicerce da vida cotidiana em detrimento das incertezas do futuro.

Na atualidade dispor de tempo livre e se divertir tem passado a ser um dos requisitos chaves de definição de qualidade de vida tanto para adultos como para jovens, com mais impacto para os últimos. (CALAFAT *et al.*, 2007, p. 11, *tradução nossa*).

O culto à diversão vem se potencializando como esfera de criação de valores. A



procura recorrente por sensações aprazíveis é traduzida como imprescindível. O “diverti-se” revela sentimentos de prazer, felicidade, amor, aventura, etc. cada vez mais procurados nas sociedades atuais, sobretudo nos cenários de lazer.

O lazer compõe parte importante da vida dos grupos juvenis e representa também espaço-tempo significativo para a formação da identidade e socialização, e o skate se constitui como um dos modos de socialização deste público, sendo sua prática compreendida como estilo de vida tanto individual quanto coletivo.

Skate é irmandade, você viaja pra Minas Gerais, qualquer parte desse país, pra qualquer lugar do mundo. A essência do skate, pelo menos a pessoa te colocar dentro da casa dela sem saber quem você é, isso não muda não. (Entrevistado 3)

A amizade é o elo que se cria a partir do skate e a visão que você tem a partir do skate, sua visão do mundo muda completamente. Um exemplo: além das amizades que você faz, eu tenho amigas que são minhas irmãs, sabe?! E é engraçado, o skate é um esporte individual, mas é um esporte hiper coletivo. Você anda sozinho? Anda! Mas mó palha você andar sozinho, é horrível andar sozinho, saco?! Mas tá envolvido ali, um monte de cabeça, trocando ideia e tal. (Entrevistado 1)

Legal é a galera do skate, a amizade que você faz no skate é só por diversão, a galera tá ali e ninguém quer nada seu, ninguém tem nenhum interesse, não importa de onde você é, o que que você é. É uma amizade bem sincera que você faz, é uma galera bem unida. (Entrevistado 2)

É nítida a ênfase dos entrevistados sobre o elo que se constrói com outros indivíduos e grupos a partir da prática do skate. Na pesquisa de Galliano e Mayer (2013), 46% dos skatistas consideram este esporte socializador, mesmo sendo uma modalidade individual. Este elo, além de se constituir como algo intrínseco deste esporte, pode estar atrelado ao compartilhamento de experiências cotidianas da juventude e podem encontrar na relação com os pares momentos singulares para o compartilhamento dos anseios e questionamentos presentes nesta fase da vida, fato que contribui para a aproximação destes em torno da prática do skate.

Dentro deste cenário, Duff (2003) sugere que o ponto de partida que culmina os novos contextos de consumo no tempo livre juvenil é: “que os jovens entendem seus momentos de lazer como oportunidades para expressão autônoma de suas identidades e preferências (p. 442, *tradução nossa*)”. Freire (2001, 347) também explora as funções sociais do lazer no tempo livre e argumenta que “[...] pode ser uma oportunidade de o indivíduo afirmar suas



capacidades, os seus interesses e a sua maneira de ser e estar na vida, em relação aos outros e aos contextos”.

Entretanto, o cenário da socialização traz também possibilidades e estímulos para os comportamentos de risco, inclusive quando se trata da relação entre a prática do skate e consumo de drogas.

Eu comecei a fumar quando eu cheguei para fazer a inscrição na universidade, todos os veteranos eram do grupo de yoga que eu participava. Um dia me chamaram para ajudar a pintar o C.A (Centro Acadêmico) e depois fizeram uma fogueira. Apertaram um lá, começaram a rodar e quando chegou em mim eu disse: pô, então, eu nunca fumei não! A galera pirou, ninguém acreditou. Me ensinaram e acabou. Dentro de casa eu não gosto muito não, não gosto de fumar sozinho. Eu acho legal trocar ideia, uma parada mais social. Não fumo todo dia, só quando tem algum evento mesmo com a galera. Andar de skate é “obrigação”, tipo, todo mundo reunir no fim de semana e andar de skate, fumar é só uma complementação mesmo depois se tiver pra tocar uma ideia. (Entrevistado 1)

Para Gómez (s/d), a forte abertura para a utilização de drogas como símbolo de identidade e distinção ocorreu à medida em que as culturas juvenis começaram a ter maior visibilidade nos processos sociais, a dispor de contextos de lazer relativamente afastado do público adulto. Para o autor, outro ponto importante neste sentido é a presença de um mercado e mídia específicos para o público jovem.

Nas últimas décadas, por exemplo, novas formas de consumo surgiram impulsionadas pelas mudanças econômicas, políticas e culturais provocadas pelo processo de industrialização e o capitalismo de consumo. A mercantilização das necessidades no mundo globalizado e o *ethos* da alegria reforçam o culto às sensações e prazeres imediatos. Vivemos na “economia da experiência”, dentro da qual consumir, de todas as formas, é vital. Lipovetsky se dispõe a dialogar sobre essa sociedade e argumenta que:

[...] em algumas décadas, a *affluent society*⁶ alterou os gêneros de vida e costumes, ocasionou uma nova hierarquia de fins bem como e uma nova relação com as coisas e com o tempo, consigo e com os demais (LIPOVETSKY, 2007, p.11, *tradução nossa*)

Ao aprofundar-se nesse universo social, Brain e Measham (2005), argumentam que as culturas juvenis, em especial, são fortemente impactadas pelas constantes mudanças na sociedade e essas modificações são cruciais para explorar a relação entre o consumo e a

⁶ *Affluent society* – uma sociedade na qual a prosperidade de benefícios materiais é largamente disponível.



criação da identidade juvenil. Para os autores, a sociedade de consumo reflete diretamente a importância que é dada para a valorização das posses. O jovem é percebido como integrante de um universo que fomenta o consumo em várias facetas e é marcado pela procura constante por sensações e sentidos, materializadas frequentemente nos contextos recreativos, quer seja, nas vivências de tempo livre.

Esta valorização de posses tem também marcado o cotidiano na prática do skate. A presença da mídia na popularidade deste esporte fortalece a busca pelo *status* de seus praticantes, bem como o consumo de produtos atrelados.

As coisas são vendidas hoje em dia de uma forma assim, todo sonho de qualquer pessoa que pratica um esporte é ser atleta e ganhar dinheiro com aquilo, e o skate não é diferente. Skate tem uma indústria muito grande e lança muita coisa e é muito atleta na mídia, nessa coisa toda, muita gente que é referência e que anda pra c*****o e anda com o tênis e é patrocinado, cria-se naquela pessoa, tipo, quero ser igual ao cara e aí bate de frente com a sociedade que vive. Cria-se uma ilusão devido a esse mundo e essa mídia toda que tem no skate e que o povo fomenta, bicho é impressionante, a galera hoje em dia quer virar profissional pra ganhar dinheiro, quer virar um Luan de Oliveira, por que o moleque ganha muito, sabe?! (Entrevistado 3)

Entretanto, os comportamentos de risco no lazer corroboram para a interpretação de estigmas de alguns grupos, o que ainda ocorre com skatistas, como demonstram relatos sobre as percepções estigmatizadas do público:

Lá nos meados de 80 era marginalizado, infelizmente até hoje é associado com drogas. (Entrevista 3)

Claro que há 20 anos, meu, você tá com um skate embaixo do braço era completamente marginal, não faz p***** nenhuma da vida, não tem nem perspectiva de vida, mas acha legal. Hoje... eu sei que existe um pouco, tem a galera mais tradicional que olha assim, ainda mais mulher que entra no ônibus com o skate na mão, igual eu, por exemplo, entro no ônibus com o skate na mão e umas pessoas olham, tipo assim, “uma mulher dessa idade!”. (Entrevistado 2)

Praticamente todo dia que eu vou andar de skate tem isso, ainda mais onde eu moro. Hoje eu vejo o skate mais popularizado, a sociedade tá com outros olhos, você vê muitas escolinhas de skate que até então você não via. A galera de uma classe mais nobre praticando, os pais não deixavam “não vai andar de skate!”, “vagabundo”. (Entrevistado 1)

Como relata Romera (2008), a relação direta dos jovens com atos de violência, uso de drogas e outros males sociais proporciona a imposição de estigmas sobre esta parcela da população. São equívocos que fortalecem marcas e tendem a considerar os jovens numa



compreensão homogênea, negando suas particularidades individuais e coletivas, fortalecidos em suas tribos urbanas.

Práticas como surf e skate contemplaram o movimento da contracultura e seus praticantes eram enxergados como marginais. Este estigma tem tido menor ênfase social desde então, mas ainda é possível identificar pelos relatos dos entrevistados situações de analogia destas práticas com a marginalidade.

A RELAÇÃO COM O USO DE DROGAS

No que concerne ao uso de drogas, foi detectado, entre os sujeitos entrevistados, o consumo de drogas lícitas e ilícitas, o que pode ocorrer antes, durante ou após a prática e no consumo coletivo, principalmente.

Na minha galera não rola outro tipo de droga além da maconha, mas tem outras galeras que tem gente que fuma crack e muita gente cheira, antes de andar principalmente. Eu já vi a galera assim e os caras ficam “pilhados”, ficam “concentrados”. Mas sei lá, acho meio estranho, nada contra, mas pra mim acho que não rola não. (Entrevistado 1)

Depois de andar rola sim (drogas mais pesadas). Tem caso dentro do movimento do nosso estado de amigos que a gente perdeu por conta de drogas. Não que o skate influenciou a pessoa a usar determinado tipo de droga e se envolver no crime. (Entrevistado 2)

É comum atrelar o uso de drogas com determinadas práticas, como o skate. Todavia, segundo os relatos, o uso de drogas não é uma prerrogativa para participar deste esporte e/ou fazer parte de um grupo.

Infelizmente até hoje o skate é associado com drogas. Tinha que tá fumando maconha senão não era o skatista do momento. Eu falo por mim, não precisei disso, eu e mais uma renca foi malandro, foi inteligente, teve essa pegada. Mudou a época, depois chegou os anos 90 e tal, a galera deu uma diferenciada nisso aí e infelizmente isso catou uns, isso veio complicou, a gente sempre falava “a galera associa isso com vândalos, marginal, é um brinquedo de bandidos”, ouvir isso ofendia. (Entrevistado 1)

Dentre o consumo regular de drogas, o álcool representa efeitos negativos para a prática de manobras. Já a maconha exerceu papel socializante.

Ingerir álcool e andar de skate é pedir pra não ter equilíbrio e noção do que tá



fazendo. (Entrevistado 3)

Para a prática, principalmente para acerta manobra não é bom, porque mexe com seu equilíbrio, acho que não é bom. Só pra dar um rolê tem gente que bebe ou “fuma um”, mas pra andar de skate eu não curto muito não. A mistura de bebida alcoólica com maconha é legal em rocks, mas eu não gosto de usar muito. Eu bebo socialmente, sacou? Eu bebia bastante e no outro dia não conseguia andar de skate, acho que foi esse uns dos motivos que eu parei de beber, porque eu não tinha equilíbrio para andar, além do mal-estar. (Entrevistado 1)

A maconha sociabiliza total, é uma droga que consegue ter esse poder de socialização da galera, sacou?! Isso é interessante, isso não é só do skate. (Entrevistado 2)

A HETEROGENEIDADE DAS CULTURAS JUVENIS

Consideramos que as culturas juvenis não são homogêneas, mas representam a diversidade de modos e experiências sociais que se manifestam coletivamente através da constituição de múltiplos estilos de vida no tempo livre ou em outros espaços-tempos. No entanto, tende-se, sobretudo, a categorizar os jovens somente considerando características como a faixa-etária, revelando classificações irreais e excludentes, que impedem compreender, de modo mais realista, a variedade de representações e modos de consumo existentes nessas culturas (Gómez, 2009).

Em relação ao uso de drogas, Espinheira (2004) destaca que a tendência à homogeneização quanto aos usuários se reforça, como se todos pertencessem a uma mesma categoria social e fossem vistos a partir de um mesmo enfoque.

De modo semelhante, Sodelli (2010) relata que não se pode referir ao padrão do uso de drogas apenas pelas propriedades farmacológicas das substâncias, mas por um conjunto de fatores intrínsecos: a droga, o indivíduo e o meio social. Para Gómez (2009), a cultura juvenil está cada vez mais heterogênea, apresentando diversas características como gosto musical e vestimentas. De outro modo, deve-se falar sobre determinadas diferenças e tendências entre este público que são significativas, isto é, variáveis como idade, gênero e tipo de ocupação. Tais considerações devem ser analisadas com praticantes de skates.

Este equívoco que visa homogeneizar produtos, espaços de consumos e usuários pode trazer consequências quando se busca problematizar tanto a juventude quanto a prática do



skate.

O estigma que skatistas carregam sobre si como sendo usuários de drogas é um modo evidente de desconsiderar suas particularidades. O uso de droga é parte integrante de uma parcela do público juvenil, mas não necessariamente significa que todo skatista é consumidor.

CONCLUSÃO

Falar em juventude não significa tratar de um grupo homogêneo, do mesmo modo é distinto o consumo de drogas entre diferentes grupos juvenis, portanto, diversificado e heterogêneo. Entretanto, o cenário atual de uso de drogas por grupos juvenis, a estigmatização que os skatistas carregam e os diversos episódios de intoxicação por consumo excessivo de substâncias noticiados diariamente, fizeram emergir a necessidade de entender, por um viés menos estigmatizante, os padrões de consumo de um recorte desta parcela juvenil.

Através das entrevistas, percebe-se que o fenômeno do skate, pelo menos para o grupo entrevistado, tem caráter socializante e de construção da identidade do jovem frente ao cotidiano. Podemos destacar que, apesar do estigma descrito pelas entrevistas, há um vínculo da prática às dinâmicas da sociedade de consumo em relação a valorização das posses e o *status* do skatista, o que se apresenta nesta pesquisa de forma paradoxal: uma modalidade que, por vezes, é estigmatizada, mas que representa valor econômico dentro do mercado de consumo.

No que tange ao uso de drogas, compreender os modos de diversão e consumo que influenciam as culturas juvenis contemporâneas em direção ao consumo de drogas nos parecem importantes pela possibilidade de refletir uma nova abordagem no campo das ações preventivas, não somente por compreender este uso como parte da cultura juvenil, mas também possibilitar intervenção que podem se materializar nos ambientes de lazer. Esta compreensão possibilita subsidiar políticas de prevenção e redução de danos ao uso de drogas distanciadas dos ranços moralizantes e mais próximos da realidade concreta.

Entendemos que são necessários estudos posteriores que possam avançar nos aspectos aqui abordados em outras regiões do país e com diferentes práticas corporais de lazer.



Pesquisas neste sentido possibilitam ir ao encontro das particularidades de diferentes grupos juvenis presentes na sociedade atual para, posteriormente, poder compreendê-los.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 5, p. 25-36, 1997.
- BRAIN, K.; MEASHAM, F. **'Binge' drinking, British alcohol policy and the new culture of intoxication**. Crime, Media, Culture. Vol. 1, No. 3, 12. 2005. p. 262-263.
- BRANDÃO, L. **A cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural**. Dourados: Editora UFGD, 2011. 160p.
- CALAFAT, A. *et al.* **Mediadores recreativos y drogas. Nueva área para laprevenición**, Palma de Mallorca: IREFREA, 2007.
- DUFF, C. Drugs and Youth Cultures: Is Australia Experiencing the 'Normalization' of Adolescent Drug Use. **Journal of Youth Studies**. Vol. 6, No. 4, 2003.
- ESPINHEIRA, G. **Os tempos e os espaços das drogas**. In ALMEIDA, A.R.; NERY FILHO, A.; MACRAE, E.; TAVARES, L. A.; FERREIRA, O.S. Drogas: tempos, lugares e olhares sobre seu consumo. Salvador: Edufba, 2004.
- FREIRE, T. Ócio e tempo livre: perspectivar o lazer para o desenvolvimento. **Revista Galego Portuguesa de Psicología e Educación**, vol.7, nº5, 345-349. 2001.
- GALLIANO, L. M.; MAYER, S. M. **Motivos que levam os skatistas à prática do esporte: um estudo comparativo entre os estados do Paraná e Rio Grande do Sul**. 2009.
- GOMEZ, J. P. Drogas, consumo y culturas juveniles. **Revista Humanitas**, n.5, pag. 84 a 94.s/d.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LE BRETON, D. **Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira – Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ROMERA, L. A. **Juventude, lazer e uso abusivo de álcool**. 2008. 135f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas,



Campinas, 2008.

SODELLI, M. **Uso de Drogas e Prevenção**: da desconstrução da postura proibicionista às ações redutoras de vulnerabilidades. São Paulo: Iglu, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. Pesquisa qualitativa. In: _____. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.